

ORAÇÕES ADJETIVAS EXPLICATIVAS INICIADAS POR “.QUE + COMENTÁRIO” E “.O QUE +COMENTÁRIO”

Monika Benttenmüller Amorim (UFF)

1. Introdução

As orações adjetivas constituem um dos principais recursos lingüísticos em produção textual ou em conversações espontâneas na língua portuguesa. Observamos que a oração adjetiva, com a função de delimitar o sentido de um elemento nominal a que faz referência, as chamadas adjetivas restritivas, ou com a função de esclarecer, explicar o elemento antecedente, as chamadas adjetivas explicativas, permitem-nos espaço para algumas considerações no que diz respeito à abordagem tradicional do tema. Entendemos por “tradicional” a abordagem de conceitos gramaticais sem que se leve em conta a interdependência das dimensões pragmática, semântica e sintática da língua, ou seja, a língua não concebida numa escalaridade, num *continuum*, cujas fronteiras nem sempre são claras e bem definidas.

Neste estudo, observam-se construções de orações adjetivas explicativas não-prototípicas do português (nomeadas nesta pesquisa de “orações adjetivas explicativas independentes”), em textos escritos, com predomínio da seqüência de base do tipo argumentativo. Analisaremos dois tipos de orações adjetivas explicativas independentes: as que fazem referência a um sintagma nominal antecedente, representadas pelo arranjo oracional “.Que + comentário” e as que fazem referência a um enunciado completo, representadas pelo arranjo oracional “.O que + comentário”. Esses dois tipos de arranjos oracionais não seguem o padrão prototípico das adjetivas explicativas, o qual as define como orações que acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, esclarecem melhor a sua significação (CUNHA, 1985) e que na escrita vêm entre vírgulas. Ao contrário, as orações adjetivas explicativas independentes possuem característica semântica forte; introduzem nova informação.

Vincularemos nossas análises às orientações teóricas postuladas pela lingüística funcional, principalmente pelos estudos de Hopper & Traugott (1993), Taylor (1989), Bybee (2007), Decat (2001), Neves (2001) e Furtado da Cunha, Oliveira & Martelotta (2003).

Para composição do *corpus* desse trabalho, foram analisados textos da modalidade escrita pertencentes a duas sincronias do português brasileiro: séc.XVII e sincronia atual. Os textos da sincronia atual são compostos por crônicas, editoriais e cartas de leitores, veiculados pelo jornal “O GLOBO”, no período compreendido entre Jan/2007 a Set/2008. O corpus relativo ao séc. XVII é composto pelo livro Crônica de D. João I, de Fernão Lopes, vol. I, do códice no. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em edição do Arquivo Histórico Português, que reúne 193 crônicas escritas por Fernão Lopes, nomeado pelo rei D. Duarte cronista do Reino no séc. XVII. Fernão Lopes escreveu as crônicas dos reis D. Pedro I, D. Fernando e D. João I (1.^a e 2.^a partes) e ocupa, entre a série dos cronistas gerais do Reino, um lugar de destaque, quer como artista quer pela sua maneira de interpretar os fatos sociais.

Para este estudo, tem-se como foco o arranjo de tais orações, o deslocamento do pronome relativo, a freqüência de seu uso em textos escritos de base argumentativa, o aspecto semântico, a relação entre grau de informatividade e o processo de mudança.

2. Gênero textual e situação comunicativa

No uso lingüístico, o funcionalismo, em suas discussões e análises, considera os sujeitos participantes da interação, a situação comunicativa e as circunstâncias discursivas presentes, ou seja, mantém-se a tradição de se privilegiar o uso da língua. Assim como a língua, os gêneros são eventos discursivos maleáveis, dinâmicos. Segundo Marcuschi (2007), os gêneros textuais surgem e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Desta forma, caracterizam-se muito mais por suas “funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais” (op. cit., p.20). Para o autor, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e algum texto. O autor faz algumas considerações acerca de gênero textual e tipo textual, as quais são pertinentes em nossas análises das orações adjetivas explicativas independentes, considerando-se o forte grau de independência semântica presente nessas estruturas. Para uma maior compreensão das observações que serão apresentadas no que concerne gênero textual e tipo textual, necessário se faz delimitarmos qual a concepção de língua e discurso em que se pauta nosso estudo.

Língua, para a abordagem funcionalista, é tida como uma estrutura parcialmente maleável, fruto da interação social e sujeita às pressões do uso. Segundo Neves (2001, p.43), a língua não “existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos”. Há uma clara ênfase na característica funcional da língua, ou seja, o estabelecimento do contexto interacional como *locus* da configuração das regularidades do uso lingüístico. A comunicação é vista de forma mais abrangente, não estando restrita à transmissão e recepção de informação.

Discurso é o uso concreto da língua, o processamento do texto, a língua em uso. O termo discurso se identifica, portanto, com a rede total de eventos comunicativos relevantes, incluindo gestos, expressões faciais, manifestações emocionais e outros (NEVES, 2001). Considera-se o discurso como sendo motivado e influenciado pelo contexto. A esfera discursiva está no plano da escolha, da seleção do que é adequado ou inadequado, da individualidade expressiva de que os falantes fazem uso em uma comunidade e que os difere uns dos outros, seja no registro formal, seja no registro informal da língua.

Segundo os preceitos teóricos de Marcuschi (2007), tipo textual é uma seqüência teoricamente definida, de acordo com a forma lingüística de sua composição, tais como aspectos lexicais e sintáticos. Segundo o autor, os tipos textuais abrangem as categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Assim sendo, quando se classifica um determinado texto como “narrativo” ou “descritivo”, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de seqüência textual. Nesse estudo, especial atenção será dada ao tipo textual argumentativo.

Gêneros textuais, por outro lado, são as formas verbais utilizadas para se comunicar em domínios discursivos específicos, como por exemplo, carta comercial, carta pessoal, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, lista de compras, dentre outros. Os critérios funcionais, de comunicação, ou seja, externos, predominarão no domínio gênero textual e a utilização de seqüências lingüísticas formais, ou seja, os critérios internos, predominarão na noção de tipo textual. Um determinado gênero textual, por conseguinte, poderá ser tipologicamente variado. Uma carta de leitor ou uma crônica jornalística, por exemplo, pode conter seqüências narrativas, argumentações e descrições. Concordamos com o autor quando ele afirma que “os gêneros são modelos comunicativos. Servem, muitas vezes, para “criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para uma determinada reação” (op. cit., p.33). Verificamos, em nossas análises, que a utilização de orações adjetivas explicativas independentes, ao mesmo tempo em que funciona como uma pausa ao discurso, funciona

também como um “chamamento” para que o interlocutor fique atento ao adendo, ao comentário subsequente.

3. Abordagem tradicional das orações adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são descritas, nas gramáticas normativas e nos compêndios escolares, como orações que são introduzidas por um pronome relativo, que modificam um nome ou um pronome. São orações que valem por adjetivos e que funcionam como adjunto adnominal (LIMA, 1986). São orações que têm valor de adjetivo, pois cumprem o papel de caracterizar um substantivo (nome ou pronome) antecedente (CEREJA, 2006).

Desta forma, o pronome relativo assume um papel de grande importância para a estruturação das orações adjetivas, principalmente por sua dupla função: conectar orações e retomar um elemento precedente.

Câmara Jr. (2000) classifica o pronome relativo como uma conjunção subordinativa de tipo especial que, “além de operar a inserção de uma oração em outra, faz algo de que a conjunção não é capaz: representa, anaforicamente, a palavra com que a oração se relaciona” (Câmara Jr., apud Carone, 2001, p. 50).

Em Neves (2000, p.374) temos: “Os pronomes relativos iniciam orações adjetivas”.

De forma diferente da abordagem tradicional, alguns autores denominam o pronome relativo de transpositor anafórico (AZEREDO, 1997). Segundo Azeredo, “Chamam-se adjetivas as orações que, introduzidas por um transpositor anafórico, modificam um nome ou um pronome. Elas podem vir integradas ao sintagma nominal, como um adjunto, ou logo após ele, como um aposto” (op. cit.; p.89). Azeredo (1997, p.89) acrescenta que muitas construções adverbiais parecem “provir historicamente de construções adjetivas cujo transpositor se uniu ao antecedente numa locução de valor circunstancial”, principalmente nas construções temporais e comparativas. Abaixo, exemplos do autor:

Ex: “As crianças gargalhavam cada vez que o palhaço dava uma cambalhota” (valor temporal).

“Mário de Andrade escreveu mais cartas do que qualquer outro escritor brasileiro” (valor comparativo) (op.cit., p.91).

Carone (2001) denomina o pronome relativo de “translativo”, tendo ele a “propriedade de obrigar toda uma oração a comportar-se como parte de outra; [...] e o substantivo escolhido como ponto de inserção é exatamente aquele que o pronome, como anáfora, representa” (op. cit., p.49).

“Da evolução do pronome demonstrativo anafórico para pronome relativo nasceu a oração subordinada a que chamamos adjetiva ou relativa”, é o que ressalta Said Ali (2001, p.202).

Neste estudo, entretanto, serão analisados especificamente a natureza sintática e semântica das construções das adjetivas explicativas independentes e de que maneira o pronome relativo se apresenta nessas orações. A configuração desse tipo de estrutura da língua pode contribuir para o debate sobre os processos de integração de conexão de cláusulas, principalmente no que se refere à extrapolação dos limites da oração.

4. Observação do posicionamento do pronome relativo nas adjetivas explicativas independentes

O processo de gramaticalização, em estudos recentes, é concebido de forma mais ampla, ou seja, a gramaticalização é considerada como um processo de mudança lingüística que pode afetar segmentos acima do nível da palavra e abaixo do nível oracional. Segundo Bybee,

A literatura recente sobre gramaticalização parece concordar com o fato de que não é suficiente a definição de gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma determinada construção [...]. De fato, seria mais adequado dizer que é uma construção com itens lexicais em particular que se gramaticaliza do que dizer que um item lexical é que se gramaticaliza. (BYBEE, 2007, p.337)

Bybee ressalta, também, que numa nova concepção de gramaticalização, o papel da “frequência” é crucial. Segundo a autora, com a frequência de uso, uma seqüência de palavras ou morfemas torna-se automática, constituindo-se em uma unidade única. Haiman (apud Bybee, 2007, p.337) cita quatro aspectos como resultados da frequência de uso:

- (1) Frequência leva ao hábito de uso de uma determinada seqüência ou item e, conseqüentemente, perda semântica;
- (2) Automatização do uso de construções, constituindo-se em uma seqüência única, com perda semântica em algumas unidades da construção;
- (3) Redução fonológica;
- (4) Emancipação para preenchimento de função em novo contexto de comunicação, acarretando mudança semântica.

Desta maneira, para se compreender os usos das construções “.O que + comentário” e “.Que + comentário” em orações adjetivas explicativas independentes, percebe-se que o pronome relativo assim posicionado, após um ponto final, ainda que não seguindo o arranjo prototípico, estaria “funcionando” para preenchimento de função em novo contexto de comunicação, acarretando mudança semântica. Essa forma não-prototípica, entretanto, ainda mantém a característica básica do pronome relativo de retomar um enunciado anterior em específico, como em (5) “novas rodadas de elevação dos juros” ou a de retomar um enunciado completo, como em (6), cuja referência é relativa ao parágrafo.

- (5) [...] Diminuir a velocidade do crescimento dos gastos públicos via aumento do superávit primário ajuda a reduzir a pressão sobre os preços. Mas não a ponto de se prescindir de novas rodadas de elevação dos juros. **Que** serão menos drásticas se a ganância for realmente contida (Editorial – Opinião – União de forças – O GLOBO – p.6, 03/06/08, grifo meu).
- (6) Ruiu com o desfecho do encontro de Genebra a visão maniqueísta de Brasília dos “parceiros estratégicos” definidos por simpatias ideológicas. A frase óbvia e surrada deve ser lembrada: países têm interesses, apenas. **O que** não quer dizer que não possam buscar e chegar a pontos comuns, mais ainda num mundo interdependente (Editorial – Opinião – Peso da realidade – O GLOBO – p.6, 01/08/08, grifo meu).

A partir dos dados pesquisados, pode-se esboçar um possível percurso de gramaticalização para o pronome relativo “que” analisado. Sua forma prototípica é freqüente tanto na atual sincronia quanto em dados do português diacrônico. As ocorrências em (7) e (8) comprovam esse postulado.

(7) Tanto militares como policiais dizem que a Força recebe treinamento insuficiente e é ineficaz para agir em comunidades que seus integrantes conhecem muito pouco (Luiz Garcia - Crônica – O GLOBO – p.7, 01/08/08).

(8) A Rainha espantada da volta que ouvia, levantou-se em pé sem saber que cuidar, e disse que vissem que era aquilo[...] (Crônica de D.João I- vol.I – p.22).

Embora (7) e (8) sejam ocorrências separadas no tempo por quatro séculos, visto que a primeira provém de uma crônica da atual sincronia e a segunda de uma crônica do século XVII, a ocorrência de “que” em ambas é linguisticamente semelhante. Nos dois exemplos, o pronome relativo “que” atua conectando e retomando um elemento precedente: “comunidades” em (7) e “volta” em (8).

Entretanto, à medida que o pronome relativo “que” começa a sofrer o processo de gramaticalização, numa concepção mais ampla do termo, as estruturas “.O que” e “.Que” tendem a ser reanalisadas, enquanto operadores discursivos independentes, tornando pouco claras as fronteiras do pronome relativo. Nesse estágio, dados do português sincrônico (9) e diacrônico (10) exemplificam:

(9) Remédio adequado ou único remédio disponível, o policiamento especial não parece capaz de produzir mais do que soluções episódicas, isoladas. Como garantir o acesso de alguns candidatos a comunidades dominadas por milicianos e traficantes. **O que** não elimina o voto do medo (Luiz Garcia - Crônica – Pangloss no TRE - O GLOBO – p.7, 01/08/08, grifo meu).

(10)[...] E pera ho acorrimento que a vos e vossos aliados desses reinos cumpridoiro era, nos outorgamos aos ditos Embaxadores, que de nossa terra podessem tirar homeês darmas e frecheiros por seu solldo, quantos e quaees lhe prouguesse. **O que** em verdade comsiirando as rrevoltosas guerras, em que pollo presente somos postos, assi de ligeiro a outra pessoa ão outorgariamos. (Crônica de D.João I- vol.I – p.97, grifo meu.)

Os exemplos (9) e (10) apresentam estruturas que se comportam de forma autônoma, dando-se relevo ao comentário subsequente. A relação entre as configurações gramaticalizadas “.O que” e “.Que” e a não-gramaticalizada “que” analisadas seguem a hipótese segundo a qual a freqüência de uso de construções leva à emancipação dos itens para preenchimento de função em novo contexto de comunicação, acarretando mudança semântica (BYBEE, 2007).

5. A proposta de Hopper & Traugott

Hopper & Traugott (1993), ao estudarem as orações sob a perspectiva de um *continuum*, propõem critérios de dependência e encaixamento entre as orações. Segundo eles, a combinação de orações, por exemplo, pode ser vista como um declive unidirecional, ou seja,

uma trajetória no sentido da menor para a maior integração das orações, em que há uma forte distinção entre a estrutura da oração subordinada e a estrutura da oração coordenada. Assim, estruturas caracterizadas pelo processo de justaposição, menos encaixadas, seriam relativamente mais livres em relação às combinações sintático-morfológicas mais gramaticalizadas, como nas orações mais encaixadas, as subordinadas.

Esses autores dividem os processos de combinação oracional em três tipos: parataxe, hipotaxe e subordinação (vide quadro 1). Parataxe caracteriza-se por uma independência relativa entre as orações. Hipotaxe caracteriza-se pela interdependência entre as orações, havendo uma oração-núcleo e margens compostas por uma ou mais orações. Subordinação caracteriza-se pela dependência completa entre as orações, em que a oração marginal se integra totalmente ao núcleo. Desta maneira, no que concerne ao português, via de regra, podemos considerar que as orações justapostas e coordenadas são classificadas como paratáticas; as orações adjetivas explicativas e adverbiais são classificadas como hipotáticas e as orações adjetivas restritivas e substantivas são classificadas como subordinadas.

Os autores representam, em forma de gráfico, níveis de combinações entre as orações, os quais seguiriam a trajetória parataxe > hipotaxe > subordinação. Tal proposta aponta uma trajetória unidirecional, no sentido da menor para a maior integração das orações. Teríamos assim:

Quadro 1: Trajetória unidirecional

	parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
(conteúdo)	- dependente		+ dependente		+ dependente
(expressão)	- encaixada		- encaixada		+ encaixada

(Hopper & Traugott, 1993, p. 170)

Hopper & Traugott (1993) afirmam que as orações subordinadas são provenientes de orações coordenadas, que são menos encaixadas, em decorrência do fenômeno de gramaticalização. A hipótese unidirecional prevê também que a subordinação tenha sido resultado da hipotaxe.

Seguindo essa abordagem teórica, as orações adjetivas explicativas e restritivas estariam em pontos distintos do eixo básico de subordinação. Assim, as orações adjetivas explicativas, mais independentes da oração principal, pertenceriam ao nível da hipotaxe. As orações adjetivas restritivas, por sua vez, mais integradas ao sintagma nominal (SN) antecedente, portanto mais dependentes da oração principal, pertenceriam ao nível da subordinação. As orações adjetivas explicativas independentes, portadoras de grande independência semântica e formal em relação ao sintagma nominal antecedente, seja na forma “.Que + comentário” ou à unidade informacional total antecedente, na forma “O que + comentário”, pertenceriam ao nível da hipotaxe, porém em ponto distinto da adjetiva explicativa prototípica.

6. Orações subordinadas adjetivas explicativas independentes

As construções com adjetivas explicativas são descritas nas gramáticas normativas da língua portuguesa como construções que enunciam uma particularidade do que está em foco. “Explicar” significa tornar compreensível, esclarecer, e “explicação” significa esclarecimento, comentário (HOUAISS, 2001, p.191). Podemos dizer, por conseguinte, que, segundo as descrições acima, a identificação do referente na construção com adjetiva explicativa já foi assegurada anteriormente. Em nossas análises das orações adjetivas explicativas

independentes, no entanto, observaram-se que essas orações veiculam uma informação secundária, como em (12) “O que aumenta bastante a nossa responsabilidade na hora do voto”, em que o autor enfatiza a importância do voto com responsabilidade, após relatar que o novo prefeito receberá uma casa desarrumada para administrar.

Ainda em (12), percebe-se forte estratégia de focalização com função argumentativa (DECAT, 2004), já que a oração adjetiva explicativa independente, após pausa, introduz um novo parágrafo.

Observem-se os trechos abaixo pertencentes às duas sincronias pesquisadas:

Sincronia atual:

(11) Há os autografantes que escrevem “Um abraço” e o nome e pronto, e há os que se sentem obrigados a fazer dedicatórias diferentes e personalizadas para cada um. **O que** é ótimo para quem pede o autógrafo, mas ruim para quem está na fila e precisa esperar até que a inspiração chegue ao autor (Veríssimo – O GLOBO – Autógrafos – Opinião – p.7 – 06/12/2007, grifo meu).

(12) [...]há claros indícios de que o novo prefeito receberá uma casa bastante desarrumada para administrar.

O que aumenta bastante a nossa responsabilidade na hora do voto. E a dos partidos, na escolha dos candidatos (Luiz Garcia – O GLOBO – Coisas municipais – Opinião – p.7, 28/03/2008, grifo meu).

(13) Remendos poderão ser feitos, mas uma solução estrutural para esse conflito de várias frentes passa pela reorganização da saúde pública. **O que** não significa destinar mais dinheiro para o setor. Há muito o que fazer para aplicar melhor os recursos existentes (Editorial – O GLOBO – Planos de Saúde – 14/04/2008 , p.6, grifo meu).

(14) Esse mesmo ministro ao final de abril se tornará presidente do TSE e presidirá as eleições municipais, tendo o tribunal uma composição bastante diferente da anterior, tendo como um de seus novos membros o ministro do Supremo Joaquim Barbosa.

O que vem a ser outro indício forte de que nas eleições municipais deste ano o uso do princípio da moralidade, ou seja, a análise de vida pregressa do candidato, terá força nas decisões dos tribunais eleitorais (Merval Pereira – O GLOBO – A moralidade – Editorial – Crônica política – p.4, 05/04/2008, grifo meu).

(15) Em mais uma reportagem sobre as novas regras do uso do capacete, não foi colocado um aspecto que fere o direito do cidadão. O uso de um capacete comprado no exterior e que tem todas as especificações técnicas que o Denatran exige, com exceção do selo do Inmetro, que só pode ser dado se comprado no Brasil. **O que** se compõe como protecionismo (Marcos Lopes de O.A. Pujol – Cartas dos Leitores – Uso de capacetes – O GLOBO – p.6, 08/06/08, grifo meu).

(16) Toda uma maneira de viver, toda uma civilização e uma cultura foram construídas pelo e para o automóvel. **Que** condiciona (e muitas vezes encurta) a nossa existência tanto quanto determinou o nosso desenvolvimento urbano, a nossa vida

econômica e as nossas paisagens nos últimos cem anos (Veríssimo – Opinião – O GLOBO – Escolhas – p.7, 15/05/2008, grifo meu).

- (17) [...] Pode haver projetos de altos vãos políticos sendo testados nesta eleição, mas o que interessa à população é a melhoria da qualidade de vida. **Que** tem a ver com habitação, saneamento, transporte, trânsito e outros temas concretos, distantes das maquinações e dos devaneios de Brasília (Editorial – Opinião – Agenda municipal – O GLOBO – p.6, 09/07/08, grifo meu).
- (18) A oposição ao governo federal não perde a oportunidade e já sai falando em CPI dos cartões corporativos. **Que** nunca dá em nada. Mas oferece o palanque para os discursos deles (Uriel Villas Boas – O GLOBO – Cartas dos Leitores – Cartão corporativo – p. 6 – 07/02/2008, grifo meu).

Sincronia do séc. XVII

- (19) [...] E pera ho acorrimento que a vos e vossos alliados desses reinos cumpridoiro era, nos outorgamos aos ditos Embaxadores, que de nossa terra podessem tirar homeês darmas e frecheiros por seu solldo, quamtos e quaaes lhe prouguesse. **O que** em verdade comsiirando as rrevoltosas guerras, em que pollo presente somos postos, assi de ligeiro a outra pessoa ão outorgariamos (Crônica de D.João I- vol.I – p.97, grifo meu).
- (20) A Rainha quando esto ouvio, ouve gram temor, pero disse: Oo Santa Maria vall! Como me matarom em elle huu mui boom servidor, e morre martir, ca o matarom mui sem por que; mas eu prometo a Deos que me vaa de manhaã a sam Françisco, e que mamde fazer hi huua gram fugueira, e eu farei taaes sallvas quaaes numca molher fez por estas cousas. **O que** ella tiinha mui pouco em voomtade de fazer (Crônica de D.João I- vol.I – p.23, grifo meu).
- (21) E hordenamdo quem la ouvesse dhir acharom que era bem de emviar sobresto Alvaro Gomçallvez Camello, que foi depois Prioll do Spitall, e Alvaro Paaez cidadão de Lixboa de que em çima he feita meemçom.
Os quaaes chegamdo a Allamquer, rreçerberom della gramde e fingido gasalhado, espiçiallmente Alvaro Paaez a que ella moor mall queria (Crônica de D.João I- vol.I – p.30, grifo meu).
- (22) [...] e com isto teer aquella creeça, que seus padres sempre tenerom, comvem a saber: gastar os bees e quamto aviam por deffemder o rreino de seus emmiigos; e como por manter esta ffee espargerom seu sangue ataa morte. **A quall** preegaçom, NunAllvarez e os seus, por pallavra e obra, fezerõ tam compridamente, que alguus delles como depois verees, foram mortos polla deffemder [...](Crônica de D.João I- vol.I – p.340, grifo meu).

Os segmentos de (11)-(15) são compostos por trechos em que há ocorrência da estrutura “O que + comentário” funcionando como oração adjetiva explicativa independente, dando destaque ao adendo o qual ela introduz, estruturado após uma pausa mais longa do que

a vírgula e fazendo referência ao enunciado completo. São adendos precedidos por pontos finais, criando-se uma expectativa em relação ao comentário seguinte. Nos trechos (12) e (14), essa pausa é ainda maior, já que a oração adjetiva explicativa independente é introdutória do parágrafo subsequente. Vale ressaltar que mesmo em textos constituídos de linguagem mais formal, como em editoriais (13) e (14), a frequência da ocorrência de estruturas de adjetivas independentes com este arranjo foi relativamente expressiva (quadro 2).

Nos exemplos de (16)-(18), as orações adjetivas explicativas independentes ocorrem com uma outra configuração sintática: “.Que + Comentário” e atribuem destaque a um sintagma nominal antecedente: “o automóvel” em (16); “a melhoria da qualidade de vida” em (17); “CPI dos cartões corporativos” em (18). Essa estratégia de argumentação, também introdutória de adendos após pausa, funciona como persuasão, convencimento, encontrada principalmente em textos de opinião. No entanto, a frequência de ocorrências com esta configuração sintática foi um pouco menor, tanto na sincronia atual quanto nos textos do séc. XVII (quadros 2 e 3).

Nos trechos de (19)-(20), pertencentes ao séc. XVII, observamos utilização da estrutura “.O que + comentário”, com as mesmas características semântico/sintáticas da sincronia atual. Há ocorrência de pausa como estratégia argumentativa e ênfase no lado negativo do adendo. Entretanto, no mesmo *corpus* (crônicas do séc. XVII), não foram encontradas estruturas do tipo “.Que + comentário”. Constatamos, porém, a ocorrência de estruturas de adjetivas explicativas independentes com outras configurações sintáticas, representadas por: “Os quaaes”; “A quall”; “O quall”; “As quaes”; “Omde”; “Aos quaes” + Comentário (quadro 3), com a mesma função argumentativa, de focalização e com referência a um enunciado completo. No segmento (21), inclusive, observamos parágrafo introduzido por “Os quaaes”, indicando grande destaque ao comentário subsequente, como já verificado em (12) e (14) da sincronia atual.

Quadro 2: Distribuição das construções com adjetivas explicativas independentes

<i>Tipos de Construção</i>	<i>Crônicas</i>	<i>Editoriais</i>	<i>Cartas de Leitores</i>
.O que + comentário	33	27	08
.Que + comentário	31	11	09
Total	64	38	17

Quadro 3: Distribuição das construções com adjetivas explicativas independentes (séc. XVII)

<i>Tipos de Construção</i>	<i>Crônicas séc. XVII</i>
.Que + comentário	0
.O que + comentário	3
.Os quaaes + comentário	4
.As quaes + comentário	1
.Aos quaes + comentário	1
.A quall + comentário	7
.O quall + comentário	3
.Omde + comentário	4
Total	23

No *corpus* analisado, observam-se algumas características recorrentes na estrutura lingüística oração adjetiva explicativa independente nas duas sincronias pesquisadas, quais sejam:

- (1) São estruturas utilizadas como recurso comunicativo para dar relevo, ênfase ao que é mencionado;
- (2) Esse tipo de oração possui uma característica argumentativa forte, além de grande independência semântica;
- (3) Não se apresenta entre vírgulas, ou após vírgula, como usualmente ocorre com as adjetivas explicativas. Característica essa que vem confirmar o traço de independência semântica;
- (4) A relação entre essas orações não é de dependência, mas de associação, o que significa que elas se encontram próximas à margem esquerda do continuum no gráfico proposto por Hopper & Traugott (quadro 1);
- (5) São orações portadoras de unidades informacionais à parte, ou seja, orações que fazem referência ao todo, quando na forma “.O que + comentário”, e a um sintagma nominal, quando na forma “.Que + comentário”.
- (6) Com grande freqüência, destacam uma idéia de contraste, enfatiza-se o lado negativo do que foi relatado anteriormente.

Nossa proposta, a partir das observações acima, é a de ampliar a trajetória unidirecional parataxe > hipotaxe > subordinação (HOPPER & TRAUGOTT, 1993) para a trajetória discurso > parataxe > hipotaxe > subordinação, em que as orações adjetivas explicativas independentes ocupariam a parte marginal da trajetória, ou seja, o nível do “discurso”.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos investigar o comportamento das orações adjetivas independentes em duas sincronias do português brasileiro: sincronia atual e século XVII, no que diz respeito ao fato de serem essas orações também estratégias de realce, argumentação, ênfase ao discurso.

Foi observado que a ocorrência dessas estruturas de forma independente se materializa em diferentes gêneros textuais, exemplificados no presente estudo pelas crônicas, cartas de leitores e editoriais, toda vez que a necessidade de realçar, colocar em evidência um pensamento, na maioria das vezes de característica contrastante, aflora no texto como resultado do processo comunicativo.

Esse tipo de arranjo oracional, chamado por alguns autores de “desgarradas” (DECAT, 2001), estaria funcionando como uma “associação discursiva” *lato sensu* (AZEREDO, 1997), ou seja, além dos domínios da oração. São estruturas que apresentam um alto grau de independência semântico-sintática.

Verificamos, também, que as orações adjetivas explicativas são mais sensíveis a fatores de natureza pragmático-argumentativa. As explicativas prototípicas veiculam informação subsidiária, tornam compreensível, esclarecem uma informação. As adjetivas explicativas independentes, por outro lado, veiculam informação nova, dão destaque a uma

opinião relevante. Podemos constatar sua ocorrência maior em textos de manifestação de opinião ou de convencimento.

A partir dessas considerações, observa-se uma modificação na estrutura do pronome relativo, o qual, de elemento lingüístico de dupla função: representar um determinado antecedente e servir de elo subordinante da oração que inicia, passa, nessas estruturas explicativas independentes, a representar um sintagma nominal antecedente, como na estrutura “*.Que + comentário*”, ou a destacar o todo, como na estrutura “*.O que + comentário*”, além de possuir força argumentativa como forma de alertar o leitor para uma informação, ou opinião que o autor não quer que seja ignorada.

Desta forma, diferente da trajetória de gramaticalização *léxico > gramática*, temos a trajetória *gramatical > - gramatical* nas estruturas analisadas, se considerarmos as estruturas não-prototípicas mais próximas ao eixo discursivo.

Assim sendo, poderíamos cogitar uma ampliação do eixo proposto por Hopper & Traugott, considerando o aspecto discursivo apresentado pelas orações adjetivas explicativas independentes analisadas e propor: *discurso > parataxe > hipotaxe > subordinação*.

O referido eixo, dentro da perspectiva de se estudar as estruturas lingüísticas dentro de um *continuum*, daria mais flexibilidade para a classificação das orações adjetivas explicativas que fogem às características padrões preconizadas pelas gramáticas normativas e pelos compêndios escolares. De acordo com o eixo acima, as adjetivas explicativas independentes, portanto, pertenceriam ao eixo do discurso.

Referências bibliográficas

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8^a ed. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda e Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BYBEE, Joan. *Frequency of use and the organization of language*. USA: Oxford University Press, 2007.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 31^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- CEREJA; William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens* 8^a série. São Paulo: Atual Editora, 2000.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’. IN: BRAGA, Maria Luiza; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; (orgs.). *Scripta: Lingüística e filologia*. Vol.5, no.9. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.
- _____. Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação. IN: Veredas: Conexões de orações. Vol.8, n.1 e n.2. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.
- HOUAISS dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 27^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.
- LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*. Vol.I, Portugal: Livraria Civilização Editora, códice no352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R, BEZERRA, Maria A; (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.